

Grupo 1:

Ángel Luis Caba - N°USP: 11136854

Antônio Tarelo - N°USP: 10740165

Giovanna Serra - N°USP: 10694293

Isabela Velloso - N°USP: 10740102

Sarah Lima - N°USP:12811567

Avaliação sobre o trabalho escrito sobre Paracoccidioomicose

O texto está bem escrito, seguindo uma estrutura coesa e lógica. A presença de imagens trouxe maior riqueza ao trabalho. Notamos também que o grupo procurou artigos de revisão e trabalhos publicados recentemente para elaborar a pesquisa. Ao nosso ver essas escolhas foram consideradas positivas, uma vez que artigos de revisão possibilitam a compreensão de assuntos abordados ao longo do tempo, sintetizando e relacionando conteúdos, e os artigos publicados recentemente mostram as novidades trabalhadas atualmente. Por estes motivos, a soma desses dois fatores pode ser muito útil na elaboração do trabalho, contribuindo para deixá-lo mais completo.

De modo geral o trabalho contempla tópicos fundamentais para o entendimento do tema mostrando dados epidemiológicos, patogênese e tratamentos, além de informações bastante pertinentes, como: a importância do estradiol em conferir “proteção” às mulheres contra o desenvolvimento da doença, sobretudo em sua forma crônica; a hipótese de que as drogas citotóxicas podem reativar a lesão latente; o tratamento da doença variar conforme a disponibilidade do fármaco na região em que o paciente vive e a grande duração desse tratamento; e a ideia de terapia alternativa que vise transferir passivamente anticorpos monoclonais de indivíduos infectados.

Contudo, sentimos falta de uma breve introdução da história da paracoccidioomicose, já que foi o físico brasileiro, Adolfo Lutz, quem descreveu a doença pela primeira vez em 1908 após analisar lesões orais em dois pacientes de São Paulo. Por outro lado, foi corretamente descrito que o principal reservatório/habitat (conhecido) de *Paracoccidioides* spp. é o solo. Porém, vale a pena ressaltar que, exceto o humano, o hospedeiro mais frequente entre os mamíferos é o tatu, sendo que existem mamíferos resistentes (há encapsulamento do patógeno) e susceptíveis (há formação de leveduras).

Como sugestão, uma última revisão do texto para corrigir tanto pontuação dupla quanto falta de pontuação; traduzir o nome da doença histoplasmose para o português na página 3; e inserção de imagens representativas dos testes de diagnóstico.

Em geral, o grupo pode estar de parabéns, o trabalho ficou bem completo. Pode observar-se que seguiram acertadamente como modelo o trabalho do Taborda *et al.*, 2020.